

A AGENDA

134

Por Marcelo Parada*

As semelhanças entre Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton, à primeira vista, são as mesmas entre o tucano e o asno, o quadrúpede símbolo do Partido Democrata dos EUA. Sociólogo, professor da Sorbonne, dono de boas maneiras, Fernando Henrique entra hoje na Casa Branca como se o "guest" fosse Clinton, 1,90m, interiorano, cujas mãos enormes parecem as do lenhador Paul Bunyan. Apesar da origem, currículos e trajetórias diversas, ambos têm em comum exatamente as mesmas dificuldades para governar. Há mais tempo no cargo, o presidente norte-americano tem, até agora, motivos de sobra para repetir ao colega brasileiro o bordão do efeito Orloff: "Eu sou você amanhã".

A comparação é possível graças ao minucioso trabalho jornalístico sobre a campanha, transição e primeiro ano e meio de governo Clinton, escrito por Bob Woodward, do Washington Post, o mesmo que revelou ao mundo o Caso Watergate. A leitura de "A Agenda — Por dentro da Casa Branca de Clinton" (378 págs, R\$ 32, Julio Louzada Publicações) reserva ao leitor a possibilidade de transportar cada situação de lá para cá, só trocando o nome do protagonista. É bem verdade que nenhum assessor direto de Clinton definiu a ação do governo ao qual serve como "masturbation". Ambos deram o tiro de largada baseando o sucesso das respectivas administrações num plano econômico (Clinton) e na reforma da Constituição (Fernando Henrique). Ninguém duvida, ao norte e ao sul, da correção das duas bandeiras. O que pintava como um voo em céu limpo foi rapidamente se transformando num caminho pe-

regoso e angustiante. Como se uma força invisível (ou oculta?) tivesse o condão de barrar o que todo mundo quer.

A primeira e mais grave coincidência reside na absoluta desarticulação do Executivo no Congresso. Lá, Clinton já colheu os resultados: viu destruído o seu plano de corte no orçamento e reforma do sistema de saúde. Premido por uma oposição competente, mas sobretudo por uma tremenda bagunça no próprio quintal, o democrata de Arkansas conseguiu a proeza de perder a um só tempo a maioria na Câmara e Senado e vê cada vez mais remota a possibilidade de voltar à Casa Branca para o segundo mandato. Não digam os profissionais da política nativa que Clinton afundou-se no Legislativo por não ter tentado a "negociação" tão pregada por nossos parlamentares na forma de cargos e favores paroquiais. O livro de Woodward é repleto de reproduções de conversas entre deputados e assessores da Casa Branca nos quais os votos obedecem à mais pura lógica do franciscano Robertão Cardoso Alves. Sorte do contribuinte norte-americano: o governo não tem estatais para lotear. Em compensação, toda barganha possível acontece.

Tal como Fernando Henrique, Clinton começou o governo disposto a conversar com o Congresso através de canais institucionais: cúpula dos partidos, conselhos, lideranças etc. Nada de varejo, nada de contato pessoal. Quando, porém, começaram os tropeços, Clinton ouviu de seu líder na Câmara o conselho para se reunir com grupos de deputados, "envolvê-los pessoalmente". Pelo plano, levado a efeito mais tarde, cada deputado teria di-

reito a falar dois minutos só para ter a oportunidade de dizer aos seus eleitores: "Então, eu disse ao presidente..." A lição, se existe lição a ser tirada por FHC, é que nenhum recuo ou mudança de rota adiantou. Ao contrário, Clinton desagradou os aliados e afastou ainda mais os adversários. Ao perder a votação do Plano Econômico, o democrata ficou na mão, sentado no centro do poder do mundo sem instrumentos para ensaiar uma reação.

Não param nas lides com o Parlamento as congruências entre os dois chefes-de-estado. Tanto Clinton como Fernando Henrique administram a ciumeira dentro da própria equipe e, pior, ficam no meio de correntes de opinião tão inconciliáveis quanto as fãs de Marlene e Emilinha Borba. No meio do tiroteio, sobra para o responsável pela imagem. Aqui, o primeiro degolado foi Roberto Muiylaert. Lá, chamaram de volta David Gergen, nada menos do que o veterano porta-voz dos governos Reagan e Bush. A falta do murro na mesa, frequentemente apontada como um problema na administração tucana, também não deu certo para Clinton. São vários os trechos nos quais a cólera do presidente norte-americano transborda. Palavrões não faltam, ditos, inclusive, na cara de parlamentares e assessores.

Talvez esteja aí um ensinamento de Clinton para Fernando Henrique. Quanto mais pressionado, revela Woodward, mais cresce o seu prazer pelo "cooper" e as explosões de fúria em reuniões. Quem sabe, temos aí um bom remédio para dores de coluna.